

TRÊS

Tempo no.432, 14 de Janeiro de 1979

DOS CAPTURADOS

Carimo Chico, Cojane Francisco e Namu Chingonde são três dos vários elementos que as Forças de Defesa e Segurança neutralizaram durante as agressões que o exército rodésiano efectuou recentemente contra a República Popular de Moçambique. Durante a sua apresentação à imprensa, eles confirmaram terem recebido treino militar na Rodésia com o objectivo de efectuarem acções armadas dentro de Moçambique, ou então trabalho de espionagem.

Carimo Chico é o chefe do grupo que em Inchope destruiu um machimbombo matando vinte dos seus passageiros e atacou um comboio; Cojane Francisco é um soldado do grupo de Carimo enquanto Namu Chingonde se trata de um espião enviado a Moçambique para observar os campos de refugiados zimbabwuanos, anotar as posições das FPLM, e colher informação sobre o tipo de vida e organização das populações junto às fronteiras.



Carimo Chico: «Na carreira do monte Chiluvo (Inchope) não deixámos descer. Matámos todos»



Cojane Francisco: «de noite salteávamos as Lojas do Povo e as populações para roubar comida e dinheiro»

Francisco Gonçalves Carimo Chico já tem possivelmente mais de quarenta anos. Quando ele entrou na sala a fim de falar para a Informação vinha desconfiado. Minutos depois ele descrevia que espécie de treino tinha recebido na Rodésia confessando que lhes tinham prometido que «quando ganharmos a guerra cada dirigente ia dirigir a sua província. Eu ia governar a província de Tete».

Carimo Chico e Cojane Francisco fazem parte do grupo de dez criminosos que foram capturados após o ataque de Inchope.



Namu Chingonde: «estava para ver como é que estão organizados, conhecer a base dos soldados de Moçambique»

Iniciando a sua conversa connosco tentando fazer crer que não era autor de nenhum crime ele viria a confessar a sua participação em várias acções de assassinato contra civis moçambicanos. Como afirmou, as acções armadas em que esteve envolvido, particularmente o ataque ao machim bombo em Inchope, eram totalmente coordenadas pelo exército rodesiano.

«Na carreira do monte Chiluvo (zona do Inchope) não deixamos desejar. Matámos todos.» Carimo Chico afirmaria isto após ter tentado fazer acreditar várias histórias segundo as quais só haviam morto o condutor por este se recusar a parar a viatura, para em seguida afirmar que também tinham liquidado duas crianças e mais tarde afirmar que dez pessoas tinham morrido. Na verdade porém, a sua versão final de que não tinham poupado a vida de nenhum passageiro, era a que correspondia à realidade como o confirmaria Cojane Francisco.

O treino que recebeu na Rodésia era ministrado por sul-africanos e rodesianos. Na Rodésia, segundo também afirmou, teve oportunidade de conhecer o famigerado Jorge Jardim de quem falou com certa segurança. Durante o treino militar de dois anos em que participou, toda a acção psicológica dos instrutores foi dirigida no sentido de promover o seu sentido de ambição. «Nós estamos a lutar por dinheiro, eles sempre prometiam dinheiro.»

Este aspecto aliás, ficaria bem evidenciado durante o encontro, quando Carimo nos afirmou que

ganhava dezolito contos, para mais tarde o seu subordinado Cojane, o desmentir afirmando que esses não eram os vencimentos.

Enviado para Moçambique por helicóptero por volta de Outubro do ano passado, ele participou em diversas operações. Embora sempre tentando desligar a sua pessoa de qualquer morte, confirmou o seu envolvimento em golpes à mão armada que resultaram na morte de camponeses, para o seu grupo conseguir obter comida e dinheiro.

Segundo afirmou o grupo que chefiava vivia a monte, estabelecendo contactos periódicos por rádio com a aviação rodesiana, ou directamente com os quartéis rodesianos, a fim de receberem orientações ou indicações precisas sobre o tipo de acções em que deveriam vir a participar.

É deste modo que os dois ataques de Inchope, num dos quais foram friamente assassinadas vinte pessoas, estavam perfeitamente coordenados no conjunto de agressões rodesianas levadas a efeito durante o passado mês de Dezembro. Esses ataques receberam o apoio da aviação rodesiana na localização dos alvos, bem assim como na fuga do grupo de atacantes.

Segundo a sua descrição, o seu grupo quando entrou em Moçambique vinha armado e trajado com o mesmo tipo de farda das FPLM. Depois de terem entrado em território nacional o grupo após alguns assaltos a lojas e a aldeias de camponeses passou a utilizar roupas civis. «Quando era parar num sítio ou

"UMAS VINTE PESSOAS"

Jodem ainda Cojane Francisco participou directamente nos ataques de Inchope. A sua entrevista é um documento que comprova a participação sul-africana nas agressões a Moçambique, uma amostra do tipo de operação a que o imperialismo está a submeter o nosso País através do regime ilegal e racista de Salisbúria.



Pergunta — Como se chama?

Resposta — Cojane Francisco

P — Onde é que nasceu e que estudos é que tem?

R — Nasci em Sofala, eu tenho 20 anos e estudei até à 6.ª Classe

P — Treinou aonde?

R — Foi na Rodésia. Como soldado treinei 6 meses, e eu fui para lá no dia 4 de Outubro de 1976.

P — Como é que era o treino e quem eram os instrutores?

R — Os instrutores eram sul-africanos, rodesianos e também havia os norte-americanos. Eles ensinavam a arma G.3, tínhamos marcha. Esse treino começava às 7 horas todos os dias até um período de seis meses. Aprendíamos a disparar a G.3, atirar granadas, sabotagem, minas.

P — Vocês sabiam que vinham actuar aqui em Moçambique?

R — Sim. Diziam que a gente vinha para acabar com a Frelimo e com este Governo.

P — Em que ataques é que participou?

R — Primeiro começámos lá perto da fronteira. Atacámos as aldeias de Mécufi e Numtura. Tínhamos o objectivo de atacar carros e comboios, mas de noite saltávamos as Lojas do Povo e as populações para roubar comida e dinheiro.

P — Quem era o vosso chefe de grupo?

R — Era o Carimo Chico. Ele é chefe da companhia.

P — Quem é que vos dava apoio em comida e mesmo material?

R — Comida vinha da Rodésia, outra parte roubávamos. Tínhamos também os helicópteros para nós apoiar. A gente avisava dos ataques, e os rodesianos vinham proteger-nos com os aviões. Para a zona do Inchope fomos transportados com a aviação da Rodésia.

P — Vocês recebiam dinheiro do exército rodesiano?

R — Sim, eles pagavam.

P — Quantas pessoas é que matou?

R — Não sei exactamente quantas matei porque deixávamos uma bomba, por exemplo, e não sabíamos quantas pessoas morriam.

P — Mas você pessoalmente matou quantas pessoas?

R — É difícil, devem ter sido umas vinte.

P — Pode dizer-nos como é que fizeram o ataque do Inchope?

R — No machimbombo nós pusemos uma mina anticarro e matámos aquela gente toda.

P — Foram também vocês que fizeram o ataque ao comboio?

R — Sim, também fomos nós, foi com uma mina que pusemos na linha do comboio. Os aviões (da Rodésia) estavam-nos para apoiar, mas devido às Forças da FRELIMO eles tiveram que ir embora e a gente foi agarrada.

para atacar, sempre falávamos na Rádio para fazermos a combinação com os aviões.»

Apesar de sistematicamente procurar desviar-se das perguntas efectuadas pelos jornalistas Carimo Chico, que nasceu em Moçambique e que fala perfeitamente português, sena e ximaniça, acabou por descrever a forma como tinham morto as pessoas, nas quais se incluíam crianças e mulheres, que viajavam na carreira do Inchope.

«Pusemos gasolina com uma mina e quando explodiu queimou tudo. Não deixámos descer as pessoas.»

ACÇÃO DE ESPIONAGEM

Namu Chingonde quando se sentou à nossa frente vinha com a cabeça virada para o chão, as mãos atrás das costas. Ele nasceu na Rodésia e ainda com a cabeça baixa responde-nos: «eu sou tropa do Smith. Entrei em Junho de 1976. Entrei sozinho, não foi uma obrigação. Estive quase seis meses a treinar».

Com o estabelecimento de uma conversação que obrigava a sistematicas perguntas, para que de talhasse a sua acção dentro de Moçambique ao serviço do exército racista e ilegal de Salisbúria, Namu Chingonde colocou as suas mãos em cima da mesa, passa a gesticular, inicia a descrição de uma acção verdadeiramente criminosa.

Ele foi enviado para espiar. «Estava para ver como é que aqui estão organizados, como é

que vivem, conhecer a base dos soldados de Moçambique e ver onde é que estão esses refugiados que fogem lá de Zimbabwe.»

A sua zona de actuação era o campo de refugiados de Tronga na província de Sofala. *«Entrei aqui em Moçambique em Outubro de 1978 lá por Espungabera.»*

A partir dessa altura e em coordenação com outros espões, um dos quais foi neutralizado ao mesmo tempo que ele, passou a fornecer informações periódicas ao exército rodesiano. Na zona Espungabera — Tronga, ele procurava introduzir-se no seio dos refugiados a fim de obter informações sobre a sua vida, bem assim como sobre a evolução da Luta Armada em Zimbabwe, que tipos de contacto tinham com os combatentes, etc. *«Em Tronga consegui ver os refugiados.»*

É a partir deste tipo de espões, verdadeiros traidores do povo zimbabweano, que o exército rodesiano e a sua aviação lançam os constantes ataques contra Moçambique. De notar que tanto o massacre de Nyazónia, onde mor-

reram 800 civis zimbabweanos, como o massacre de Chimoio resultaram da acção deste tipo de agentes. A sua actividade é directamente coordenada com os Serviços de Segurança rodesianos onde participam igualmente agentes sul-africanos. Segundo nos afirmou Namu Chingonde estes agentes enviados pelas forças racistas rodesianas para o nosso país deslocam-se periodicamente às guarnições rodesianas junto à fronteira de Moçambique a fim de prestarem relatórios sobre a sua actividade.

Namu Chingonde, tal como os outros dois criminosos que nos foram apresentados, não tem qualquer ideal político. Ele trabalha para o exército rodesiano a troco de promessas irrealizadas, de dinheiro. A sua roupa é a roupa do camponês pobre. Distingue-se pelo seu trabalho que não é produtivo, e que resulta em crimes pelos quais é compensado.

Estes três elementos que se identificam entre si pela sua marginalização à sociedade, deixaram-nos essa impressão, criada

ao longo da conversação que com eles mantivemos, de que matar é um trabalho como outro qualquer.

Carimo Chico foi capaz de, dentro da sua habilidade de mentiras, mostrar-se disposto a denunciar os filhos, a família, com quem como nos viria a dizer, já não mantém contactos há muito tempo. Cojane, um jovem ainda tem já a responsabilidade de dezenas de mortes e assaltos a soldo de um exército estrangeiro criminoso e agressor, mas pelo qual luta, precisamente porque lhe permitir essa actividade de matar e roubar indiscriminadamente. Chingonde, a troco de receber dinheiro pelas informações que recolhia, fornecia as informações para a matança. De facto só a morte de populações civis indefesas os liga entre si a soldo de um regime que vive na agonia, e que espera da acção deste tipo de elementos, ganhar o tempo necessário para sobreviver mais algum tempo à Luta Armada.

Alves Gomes



Parte dos pára-quedistas capturados pelas Forças de Defesa e Segurança. O exército rodesiano transportou Carimo Chico e Cojane de helicóptero para a zona de Inchope